



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

RELATO DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM O
MÉTODO NATURAL

LAÍS DOS SANTOS OLIVEIRA

Brasília- DF, maio de 2012.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

RELATO DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM O
MÉTODO NATURAL

LAÍS DOS SANTOS OLIVEIRA

Brasília- DF, maio de 2012.

LAÍS DOS SANTOS OLIVEIRA

**RELATO DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM O MÉTODO
NATURAL**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Sônia Marise Salles Carvalho.

Comissão Examinadora:

Prof^a. Dra. Sônia Marise Salles Carvalho (orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof^a. Dr. José Luiz Villar Mella

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof^a. Dra. Fátima Vidal Rodrigues

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília- DF, maio de 2012.

LAÍS DOS SANTOS OLIVEIRA
RELATO DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM O MÉTODO
NATURAL

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Sônia Marise Salles Carvalho.

Comissão Examinadora:

Prof^a. Dra. Sônia Marise Salles Carvalho (orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof^a. Dr. José Luiz Villar Mella

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof^a. Dra. Fátima Vidal Rodrigues

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília- DF, maio de 2012.

DEDICATÓRIA

Dedico aos meus irmãos e irmãs, ao meu esposo e

*Aos professores que me acompanharam desde
a alfabetização até o presente momento.*

Dedico ainda à minha falecida mãe, aos que acreditaram

em mim e torceram pelo meu sucesso,

e, aos amigos que conquistei

trilhando esta jornada infindável em busca do conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus por ter me dado vida, por me ajudar nos meus momentos de conflito, e por tudo mais que há e que foi feito por sua obra.

Em segundo lugar, agradeço aos meus irmãos e ao meu esposo, simplesmente por eles existirem e por se fazerem presentes em minha, por serem tão companheiros e amigos, por serem minha razão maior para continuar a viver e acreditar que tudo é possível, acreditar que nada pode parar as pessoas que desejam alcançar seus objetivos e que estão dispostas a estudar e trabalhar tanto quanto for necessário para alcançá-los de modo justo.

Também agradeço a minha professora e orientadora Sônia Marise e a esta Universidade por serem partes tão fundamentais na conquista desta vitória tão importante em minha vida que é a minha graduação.

ORAÇÃO DA GRATIDÃO

Senhor!

Mais um dia termina e estou aqui

Somente para agradecer:

Pelo sol, que aquece nosso planeta.

Pelo brilho da lua, que ilumina nosso céu

Na escuridão da noite.

Pelas estrelas que cintilam

Quais reluzentes diamantes

Pelas nossas florestas que, apesar

Do homem insistir em devastar,

Continuam sendo pulmões para o mundo.

Por nossos animais que transbordam

De vida a nossa exuberante fauna.
Pelo mar e pelos rios que abastecem
Nossos reservatórios de água.
Pela chuva benfazeja que lava o pó, e
Encharca a terra seca.
Agradeço-Te Senhor pela minha vida,
E pela minha disponibilidade em servir.
Pela minha família, porto seguro
Onde ancoo meu barco.
Agradeço-Te por me teres feito capaz
De multiplicar-me em outras vidas,
A mais sublime e linda missão de todo ser vivente.
Agradeço-Te ainda
Por todos os amigos queridos que
Fazem parte do meu dia-a-dia,
Num amor sem pretensões ou cobranças.
Finalmente, Senhor,
Agradeço-Te por eu ser quem sou.
Obrigado, Senhor.

AMÉM!

Carminha Guerreiro Viola da Silveira

A educação não é uma fórmula de escola, mas uma obra de vida. (FREINET, 1973)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
--------------------	---

1ª PARTE

MEMORIAL	10
----------------	----

2ª PARTE

RELATO DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM O MÉTODO NATURAL

INTRODUÇÃO	19
------------------	----

CAPÍTULO 1: A TEORIA

1.1 Fundamentação teórica: Método Natural.....	20
--	----

CAPÍTULO 2: A PRÁTICA

2.1 O Jardim de Infância e os centros de estimulação.....	29
---	----

2.2 Construção da rotina.....	38
-------------------------------	----

2.3 A vivência do currículo no Jardim de Infância	41
---	----

CAPÍTULO 3: PRÁTICA/TEORIA: ANALISANDO AS CONTRADIÇÕES E AS APROXIMAÇÕES

CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
----------------------------	----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55
----------------------------------	----

3ª PARTE

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	56
---------------------------------	----

ANEXOS

APRESENTAÇÃO

Este relato de experiência se realiza como uma exigência curricular do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília. Encontra-se dividida em três partes, sendo que, na primeira parte descrevo o meu percurso acadêmico, minhas memórias escolares desde o início da escolarização até os dias atuais.

Na segunda parte reflito sobre a minha experiência profissional com o Método Natural e a fundamentação teórica sobre o Método. Analiso uma turma de Jardim de Infância que se fundamenta no Método Natural de Educação.

Nesta reflexão apresento pontos teóricos e práticos que concordam e que se contrapõem, as habilidades que o Método Natural ajuda a desenvolver e como isso acontece, os princípios, fundamentos e metodologia deste método e, o currículo do Jardim de Infância. Encerrando esta segunda parte, busco compreender o Método Natural de Educação no Jardim de Infância.

Na terceira parte apresento minhas perspectivas profissionais e pessoais a partir do curso de Pedagogia, meus desejos de atuação e o significado que este curso me ajudou a construir sobre o que é ser Pedagoga.

1ª Parte

MEMORIAL

Nascida em Ceilândia- DF, filha caçula dos seis filhos de Antônia Maria dos Santos Oliveira e Francisco Florêncio de Oliveira Filho, comecei a estudar aos sete anos de idade na primeira série, em uma escola situada em Mariápolis de Goiás, uma pequena comunidade católica, Escola Municipal Padre Ruy, este é o nome da escola na qual estudei até a oitava série.

Nesta escola fui alfabetizada pelo clássico método misto ou fônico-silábico, que pelo que percebo hoje em dia, deu muito certo comigo, afinal, aprendi a ler e a escrever muito rápido, na maioria das vezes eu era a primeira a terminar as atividades e ainda ia ajudar minhas amigas para que nós pudéssemos ficar conversando e brincando. Às vezes a professora chamava minha atenção e me deixava de castigo, sentada bem longe de todo mundo, lá no cantinho da sala, mas outras vezes ela apenas dava risada, porque sabia que não adiantava, eu conversava mesmo estando lá longe, o que era ainda pior, porque aí todo mundo perdia a concentração na lição e ficava escutando o que falava. Eu não fazia por mal, minhas atitudes eram tão espontâneas que era como se fosse certo, afinal eu tinha terminado minha lição e não havia mais nada para eu fazer.

Havia muita coisa boa nesta escola que inicialmente era enorme, com várias salas e um espaço de dar inveja a estas escolas do Distrito Federal, havia várias árvores, pés de Pitanga, de coquinho, daqueles que ficam bem amarelinhos e que são pequeninos, pés de bambu. Enfim, era um espaço bom na qual podíamos brincar de pique-pega, pique-bandeira, pique-esconde, corre-cutia, e muitas outras que adorávamos, tanto eu quanto todas as outras crianças que ali estudavam.

Mas por algum motivo que até hoje desconheço, construíram outra escola e fecharam a que estudávamos. Fomos parar em outra escola com um espaço enorme, mas com poucas salas e sem árvores. Foi muito triste, não tínhamos mais as sombras das árvores para nos abrigar no calor, nem para podermos brincar de correr.

O que mais marcou o meu Ensino Fundamental foram os momentos culturais que eram realizados bimestralmente.

Momentos culturais eram os eventos que permitiam que os estudantes se expressassem de várias formas, dançando, cantando, declamando poemas, criando

paródias, encenando, em uma manhã inteira de diversão e aprendizado na qual os pais e a comunidade em geral podiam participar. Era realmente um momento cultural, que tinha como objetivo homenagear os eventos ocorridos no decorrer daquele bimestre, as datas comemorativas. Lembro-me perfeitamente de que as únicas datas comemorativas que me entristeciam, que faziam com que eu me sentisse pequena, fraca e inútil, que era o Dia das Mães e dos Pais, isso porque eu morava longe do meu pai e minha mãe era falecida, ela faleceu quando eu tinha quatro anos de idade, mas ainda hoje me lembro dos seus traços físicos, baixinha, gordinha, morena, cabelos curtos e grossos, olhos castanhos, nariz igual ao meu. Mas não me recordo do que ela gostava, do que a irritava, embora eu soubesse fazer isso muito bem, porque eu era muito desobediente quando era pequena. Lembro de uma vez que subi no pé de caju que tinha na casa que a gente morava, minha mãe estava sentada em um banco lendo um livro que não me recordo qual era, quando veio ao meu socorro abaixo de chineladas porque eu não conseguia descer e ela havia avisado para não subir, porque eu era pequena demais e poderia me machucar.

Mas, enfim, além destes momentos culturais que me encantavam, havia também as gincanas que eu amava demais, a corrida do esterco para a nossa horta, os trabalhos em grupo no turno contrário de estudo, e aquele lugar chamado Mariápolis, tão acolhedor e pequeno, mas tão rico, tão permissivo, cheio de espaço, onde eu não precisava ter medo de ser atropelada, pelo contrário, podia brincar até tarde na rua, de pique pega, pique esconde, até de pique pega nas árvores nós brincávamos, havia as festas juninas, que eu sempre dançava quadrilha, e as festas de final de ano que sempre tinha um amigo-oculto. Minha escola sempre foi muito animada, sempre que podíamos, nós, os alunos, nos reuníamos e fazíamos a festa de aniversário dos nossos professores. Era tão bom, a gente comia aquele bolo feio, mas tão gostoso que nós mesmos fazíamos, confeitado com clara de ovo batida com açúcar e limão, tipo em ponto de suspiro. Que saudades daquele tempo.

Minha irmã mais velha era professora desta escola onde estudei até ao 8ª série, ela se formou em Pedagogia, assim como eu vou me formar, e foi uma grande inspiração para mim, um exemplo de competência e de humildade. Mesmo tendo três filhos, na época, ela conseguia trabalhar toda a manhã e a tarde, cuidar da casa, fazer o almoço e o jantar e ainda ia estudar à noite, além de cuidar de mim também. Atualmente ela tem quatro filhos,

mas ao invés de ser professora, ela é a diretora da escola onde estudei todo o meu ensino fundamental, com exceção da terceira série que fiz em Samambaia, onde morei por um ano, e depois retornei à Mariápolis.

A terceira série foi a pior de todas do meu ensino Fundamental, lembro que a professora sempre me trocava de lugar porque eu conversava muito, mas não importava onde ela me colocava, eu puxava conversa até com quem não tinha intimidade. Lembro que já fiquei sem intervalo por fazer “bagunça”, e a primeira vez que a polícia fez a escola parar, todos tiveram que sair de suas salas e ir para a quadra da escola, com uma denúncia de bomba, eu fiquei perdida sem entender nada e depois de todo esse alarde, voltamos para a sala de aula onde a professora explicou que haviam feito um trote para a polícia dizendo que haviam colocado uma bomba na escola, mas que estava tudo bem e não havia bomba nenhuma.

Tirando a terceira série, todas as outras séries do Ensino Fundamental foram muito boas e me ajudaram muito em todos os sentidos, mas principalmente a me socializar e a me expressar.

Então, depois de todo o Ensino Fundamental fui morar com meu pai para fazer o Ensino Médio. Acredito que não seja necessário ser psicólogo para dizer que esta mudança não deu certo. Morei apenas dois anos com meu pai que foram suficientes para perceber que não seria possível concluir o Ensino Médio por lá, em Águas Lindas. Foram dois anos difíceis, com algumas faltas na escola, mas sempre com médias incríveis, sem nenhuma nota vermelha e sempre considerada uma excelente aluna. Mas meu pai nunca quis saber, nunca soube se eu estava indo bem ou mal na escola, apenas no fim do ano ele ficava sabendo se eu havia passado ou não, mas não que ele perguntasse, eu mesma contava, mas isso não fazia diferença, aparentemente, afinal, essa era minha obrigação, uma vez que eu não trabalhava.

Após estes dois difíceis anos, fui morar em Brazlândia com um cunhado, que em pouco tempo se tornou ex-cunhado e, então, começou tudo de novo, nada dava certo.

Além destes problemas com este ex-cunhado, tive problemas também na escola, mais precisamente em matemática. Pela primeira vez tive medo de reprovar, estudei coisas

em matemática que precisavam de outras que eu nunca havia estudado, tudo era focado apenas no vestibular, no PAS, e eu nunca havia estudado daquele modo. Ficava manhã e tarde na escola estudando a bendita matemática que insistia em me apavorar. Nota vermelha no primeiro bimestre, nota baixa no segundo bimestre, mas não vermelha, e no terceiro bimestre, nota vermelha de novo, só me restava o quarto bimestre para recuperar todos os bimestres anteriores. Tal foi a minha surpresa ao tirar 8,6 no último bimestre, depois de muito estudar, inclusive à noite, e conseguir concluir o Ensino Médio.

No fim do Ensino Médio tive que fazer uma escolha muito difícil que era a escolha do curso para o qual eu prestaria o vestibular, queria fazer artes cênicas, mas era tímida demais e pensei que não conseguiria, então, resolvi tentar Pedagogia, tendo minha irmã como exemplo a ser seguido, sempre gostei do meio escolar, das crianças, então, pensei que poderia ser uma boa escolha. Fiz minha inscrição, no fim do ano fiz a prova do vestibular e no início do outro ano recebi a grande notícia de ter sido aprovada, recebi de verdade, porque como eu não tinha computador e nem familiaridade com esta tal máquina, se dependesse de mim para consultar os resultados da prova, jamais teria feito minha matrícula em tempo. Mas, Graças a Deus, me avisaram.

O sentimento de alegria foi imenso, me acalmou de tal forma que até chorei. A sensação de terminar o Ensino Médio e ficar sem fazer nada, me afligia, sabia que teria que trabalhar, mas eu queria estudar, queria ser algo mais que uma babá ou balconista, nada contra estas profissões, mas acredito que só é bem-sucedido quem faz o que gosta, e eu queria ter a oportunidade de continuar estudando. Sempre agradecerei por ter conseguido.

Antes de sair o resultado do Vestibular da UnB, havia saído o resultado do ENEM, na qual eu havia recebido uma bolsa de 50% na Faculdade Anhaguera JK para fazer qualquer curso que eu quisesse e, eu havia feito minha matrícula no curso de Pedagogia. Mas ao descobrir que havia passado na UnB, tranquei a matrícula na JK, fiz minha matrícula na UnB no 1º/2009, comecei o curso e descobri que era exatamente isso que eu queria.

Logo no primeiro semestre, ou melhor, no primeiro dia de aula, os veteranos fizeram o trote solidário com todos os calouros, eu fiquei muito assustada, um estudante com barba e bigode e com cara de mau entrou na sala sem falar nada, nem boa noite, nem sejam bem-vindos, simplesmente entrou, parou na frente do quadro, escreveu alguma coisa

que não me recordo e perguntou, com uma voz bem intimidadora, se alguém sabia o que era educação. Senti que muitos ficaram tensos, mas um dos calouros levantou a mão e começou a falar o que ele entendia por educação. Óbvio que o veterano agiu como se ele não estivesse falando coisa com coisa, reclamou, esbravejou e por fim, mandou que o calouro se retirasse da sala e disse ainda que quem não concordasse com ele poderia sair junto com o calouro também. Como na sala haviam outros veteranos disfarçados de calouros, eles começaram a sorrir, alguns saíram da sala também, mas logo foram chamados para esclarecerem a situação.

Todos os professores do meu primeiro semestre foram inesquecíveis, a professora Ângela Anastácio de Perspectivas do Desenvolvimento Humano, professor Armando de Oficina Vivencial, professor Tadeu de Investigação Filosófica na Educação, mas a principal entre todos os outros é a Professora Sônia Marise com quem eu fiz o Projeto 1, que foi incrível, sair para conhecer a UnB à noite, duas fases do Projeto 3- extensão- sobre Economia Solidária que foram experiências marcantes e significativas em minha trajetória acadêmica, todas as duas fases do Projeto 4- estágio supervisionado- sobre o Método Natural, que foi a minha experiência profissional mais marcante. E, agora, para finalizar o curso nada melhor do que ter como orientadora do projeto 5- Monografia- a professora que me acompanhou, praticamente, por todos os semestres deste curso, Sônia Marise.

No segundo semestre do curso consegui uma bolsa permanência e no terceiro semestre uma vaga na Casa do Estudante Universitário- CEU, então saí de Brazlândia e fui morar na CEU. Foi uma mudança muito grande, morar com três meninas que eu nunca havia visto, em um lugar que eu nunca havia ido, mas sinto ainda hoje que essa foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, tive mais tempo para estudar, tinha acesso aos materiais com mais facilidade. Esse foi um período em que aproveitei para acelerar o curso, me matriculei em muitas disciplinas, fiz curso de verão, estava totalmente dedicada ao meu curso, afinal, tudo estava cooperando comigo, eu trabalhava no mesmo local em que eu morava e estudava, parecia um sonho, que aos poucos foi se transformando em tédio, desinteresse, falta de atenção. Quando percebi que estava começando a perder o interesse pela Universidade, creio que por estar totalmente inserida neste meio, eu já não tinha mais uma vida social, não saía nem mesmo aos fins de semana ou feriados, estudava de segunda à sábado em vários horários, tarde e noite, aos sábados eu havia começado os cursos de Inglês e de Espanhol da UnB Idiomas. Ou seja, só tinha os domingos para...

continuar estudando, fazer trabalhos... resolvi desacelerar o ritmo, foi então que senti vontade de começar a trabalhar em algum outro lugar que não fosse a Universidade, pelo menos assim eu veria outras pessoas, estaria em outro ambiente.

No quinto semestre a CEU entrou em reforma, eu me casei com o meu noivo que conheci quando eu morava em Brazlândia, e fomos morar juntos em um apartamento no Varjão do Torto. Neste mesmo semestre comecei a trabalhar em uma escola que me encantou de tal forma que resolvi escrever minha monografia sobre ela.

No primeiro ano de atuação tive a oportunidade de trabalhar com uma professora excelente em uma turma de Agrupamento Vertical- A.V, com crianças entre dois anos e meio e quatro anos de idade. Esta foi uma experiência tão encantadora que resolvi escrever meus projetos de estágio sobre esta turma. Foi uma experiência realmente inesquecível, tanto que, decidi escrever minha monografia sobre a turma que acompanho este ano de 2012, que é o Jardim de Infância, ou seja, crianças entre quatro e cinco anos de idade.

Neste ano de 2012 sou auxiliar do maternal no período matutino e auxiliar do jardim de infância no período vespertino. Com toda esta confiança depositada em mim, me senti tentada a escrever sobre este Método que me encantou e sobre esta turma do Jardim de Infância que ainda não está sendo alfabetizada, mas que não segue mais o mesmo ritmo do maternal, estas crianças que já reconhecem seus nomes e os nomes de seus amigos na chamada, que já contam e realizam contas simples de adição e subtração, logicamente que nada concreto, no papel, mas de forma mais natural, espontânea, eles já aprendem a se orientar, em alguns pontos, pelo relógio, já aprendem a utilizar o calendário, e muitas outras coisas que detalharei quando estiver falando sobre a prática do Método Natural no Jardim de Infância.

Agora, estando no sétimo semestre do curso de Pedagogia e prestes a me formar, me sinto totalmente realizada em todos os sentidos, pessoal, profissional, acadêmico.

E, por este sentimento de realização que sinto devo dar méritos à alguns dos meus professores Universitários por terem sido compreensivos, por terem se dedicado e me ensinado coisas que serão úteis para toda a minha vida, entre estes cito: professora Sônia Marise, Sandra Ferraz, Ângela Anastácio, professor Armando, professora Renísia, Claudia

Dansa, Shirleide, Katia Augusta, Abádia, professor Célio Galante, professora Alyne, professor Antônio Villar, José Villar, Lúcio Teles, professora Patrícia Pederiva e professor Erlando Rêses. A todos estes professores, tão diferentes e ao mesmo tempo tão competentes, devo agradecimentos sinceros por terem contribuído de forma tão significativa para a minha formação.

Além de dar méritos à professores, também sinto necessidade de citar as disciplinas que foram mais significativas em minha formação: Desenvolvimento da Aprendizagem e Ensino, Libras, Educação de Adultos, Avaliação das organizações educativas, Ciência e Tecnologia, Sociologia da Educação, Educação e Trabalho, Políticas Públicas de Educação, Psicologia da Educação, Educação em Língua Materna e Processo de Alfabetização.

Além das disciplinas, há também os projetos 1, 2, 3, 4 e 5, em que afirmo que todos me foram muito úteis e significativos. Ter a oportunidade de estudar sobre o local onde estudo, sobre a profissão que irei exercer, vivenciar práticas de atuação profissional, observar estas práticas e assumir a posição de professora, de pedagoga, foram experiências inesquecíveis e inestimáveis oportunizadas por estes projetos. Por isso, devo dizer que, nenhuma das disciplinas ou projetos que fiz foram inúteis, creio que isto não seja possível, simplesmente, algumas foram mais significativas que outras, devido a minha área de interesse profissional, que sempre foi o ambiente escolar, mas todas me acrescentaram algo.

Quanto mais se aproxima o momento tão esperado da minha formação como Pedagoga, mais percebo o quanto tenho que agradecer a esta Universidade por tudo, pelos colegas que fizeram parte desta minha jornada educativa, pelos professores tão capacitados que foram fundamentais neste meu processo formativo e pelas oportunidades que tive de me dedicar mais aos estudos, de trabalhar em áreas interligadas a minha formação, de ter acesso aos livros que não pude comprar, de ter conseguido uma moradia quando pensava que a única alternativa que tinha era voltar para o lugar de onde vim. Mas tudo acontece no momento certo.

Apenas para que fique registrado, devo confessar que meu sofrimento maior em todos estes anos longe de Mariápolis, foi não ter todas aquelas árvores para eu me esconder

enquanto chorava, não ter aquele cerrado imenso, que para mim era como se fosse um esconderijo secreto onde ninguém me encontraria, eu jamais me perderia e nem sentiria fome e nem sede, para pensar sem que ninguém me incomodasse, ou viesse me questionar.

Como fico incomodada quando sinto que não tenho nem sequer o direito de chorar, que para poder chorar preciso de um motivo, que há, mas nem sempre eu consigo explicar, ou às vezes não quero explicar. Queria não sentir nada capaz de me fazer chorar, nem dor e nem alegria, queria apenas ser indiferente.

Como senti saudades dos pés de manga, do cerrado, dos pés de caju, de pequi, das frutas em suas épocas certas, me ensinando que para tudo há um tempo, e há tempo para tudo, assim como está escrito na Bíblia, tempo de plantar e tempo de colher o que se plantou, tempo de rir e tempo de chorar.

Enfim, poderei colher os frutos de tudo que estudei durante estes três anos e meio nesta Universidade, depois de todo o choro e dificuldade, é hora de sorrir e seguir em frente sempre estudando, uma vez que este é o meu objetivo maior, nunca parar de estudar, saber cada dia mais, me tornar cada dia mais competente e ser uma excelente Pedagoga com capacidade para retornar em breve a esta universidade como estudante do Mestrado.

2ª PARTE

RELATO DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM O MÉTODO NATURAL

INTRODUÇÃO

O objetivo geral desta produção é apresentar as habilidades que o Método Natural ajuda a desenvolver nas crianças entre quatro e cinco anos de idade e analisar o modo como ele ajuda neste processo de desenvolvimento de habilidades, o conceito de Método Natural e as características deste ensino, seus objetivos e princípios, além de analisar as contraposições e aproximações existentes entre a teoria do Método e a prática deste no Jardim.

Para isso apresentarei análises de observações que vão desde a rotina até o currículo do Jardim de Infância, englobando também a estrutura do ambiente educativo e as contribuições deste método para o desenvolvimento das crianças que se encontram nesse espaço. Além de apresentar os fundamentos e metodologia utilizados por este Método, cuja experiência mostra que este é fundamental na construção da autonomia da criança.

Ao fim desta produção apresento algumas contradições entre a teoria e a prática e o meu parecer a respeito do que foi observado e analisado.

*... [...] é escrevendo que a criança aprende a ler e a escrever... é desenhando que a criança aprende a desenhar.
(FREINET, 1977)*

CAPÍTULO 1: A TEORIA

1.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: O MÉTODO NATURAL

Neste capítulo pretendo apresentar a teoria do Método Natural segundo dois grandes estudiosos, que são Freinet e Marinho.

Célestin Freinet (1896-1966), educador francês, produziu uma obra de grande significado teórico, prático, social e político. Professor primário, pôs em prática as ideias que divulgou, criou cooperativas de professores, escreveu livros e editou revistas. Militante político socialista, foi perseguido por suas posições de esquerda e por introduzir inovações em escolas rurais, de pequenos povoados no interior da França, cuja população teria preferido a pedagogia tradicional. (CARVALHO, 2010, p. 36)

A citação acima descrita é de fundamental importância para que possamos ter a consciência de que o Método Natural de Freinet não foi apenas um conjunto de ideias utópicas, mas fundamentadas em sua prática. Toda a teoria foi experimentada com sucesso, se tornando um dos métodos educativos existentes.

Ao longo das décadas em que pusemos à prova uma Pedagogia Natural baseada na livre expressão da criança, passamos pelas incertezas e eventualidades inevitavelmente inerentes às ideias novas que procuram enraizar-se num campo tão eminentemente conformista como é o do ensino... Desnecessário será dizer que, para alargar o campo da Pedagogia, é imprescindível não nos sentirmos amarrados ou limitados por uma mera pedagogia de aquisição. O ambiente de compreensão e de amizade das Escolas

Modernas desperta valores não previstos nos programas escolares. É o caso das criações artísticas e poéticas que conferem às nossas humildes escolas oficiais a sua feição mais comovente. Tais flores da sensibilidade infantil e da solicitude dos mestres apenas desabrocham em climas de confiança e liberdade, onde a simpatia e a disponibilidade venham ao encontro das iniciativas mais secretas.

À escola tradicional, voltada para o rendimento escolar e para a preparação dos exames, não faltam boas intenções, mas a rigor dos controles intempestivos e a salvaguarda da disciplina exterior atropelam a cada passo a espontaneidade da criança... se o professor souber desempenhar esse papel de catalisador e de confidente, se conseguir ajudá-la a vencer os obstáculos e a conservar o entusiasmo e a iniciativa, terá realizado aquele ideal de camaradagem que oferece à educação as suas maiores oportunidades de triunfo, emprestando-lhe amplitude e sutileza. (FREINET, 1977)

O método Natural, em sua origem, busca uma relação amistosa entre professores e alunos, em que o professor seja estimulador no processo educativo e não um “ser supremo”, conhecedor de todas as coisas com papel de fazer com que o aluno entenda os conteúdos de qualquer forma, sem se importar se o que é ensinado ao aluno está fazendo sentido.

O papel do educador é estar junto com o aluno incentivando-o, mostrando que ele é capaz, e não dando-lhe respostas ou apontando-lhe caminhos, afinal, acredito que o processo educativo deve formar cidadãos autônomos, capazes de fazer escolhas, mas precisam saber o que os aguarda em cada uma destas escolhas, ou, pelo menos, imaginar, criar hipóteses sobre as possíveis conseqüências de se seguir por determinado caminho, fazer determinada escolha.

Freinet (1977) acredita que a criança se desenvolve através das experiências que vive, através do contato com o meio, com outras crianças e adultos que elas buscam imitar.

Isso não significa, evidentemente, que uma aquisição seja sempre fruto exclusivo de uma tentativa experimental pessoal. Em determinada fase, o indivíduo apropria-se por imitação, por observação ou por leitura da experiência alheia, da experiência presente e passada das gerações. Porém, essa apropriação opera-se agora à base e em função da experiência pessoal que continua a orientar a tentativa.
(FREINET, 1977, p 22)

Nem sempre a criança aprende por tentativas experimentais pessoais, em alguns momentos ela fará imitações que por si estarão dotadas da personalidade de cada criança, ou através da observação e da experiência dos outros indivíduos ela fará associações do que funciona e do que não funciona, do que ela gosta e do que não gosta, do que quer ou que não quer. A criança é capaz de fazer adaptações em ações percebidas para que se torne parte de seu repertório próprio de habilidades, é capaz de assimilar ações e as torná-las próprias.

Freinet (1977) explica que o método natural consiste em desenhos livres, escrita livre, valorizando e permitindo que a criança se expresse de modo espontâneo, natural.

Em que consiste esse método?

Deixamos a criança desenhar livremente desde a mais tenra idade, a partir dos dois ou três anos. Vemos o lápis começar por mover-se ao acaso sobre a folha. Depois surge uma semelhança, nasce o primeiro êxito, que a criança repetirá até ao automatismo. Seguir-se-ão outras tentativas, obter-se-ão outros êxitos, as tentativas falhadas serão automaticamente abandonadas... os gestos das crianças não são gratuitos. Seguem planos experimentais. Tem uma

finalidade...

Mas- e isto é essencial- a criança não copia. Não aproveita a experiência alheia para justapô-la a sua própria experiência. Apodera-se dela assimilando-a, inserindo-a e integrando-a no seu processo de trabalho e de vida até por vezes lhe conferir um cunho original.

*... [...] é escrevendo que a criança aprende a ler e a escrever... é desenhando que a criança aprende a desenhar.
(FREINET, 1977)*

A prática é fundamental no processo de aprendizado, na constituição da personalidade, da busca por ser quem se é e quem se pretende ser, uma vez que através da prática a criança tem maior facilidade de significar as coisas, de encontrar um sentido para as coisas que faz, porque e como faz. Para Freinet (1977) o desenvolvimento da criança não comporta fases ou etapas, a criança se desenvolve na medida em que o que lhe é apresentado começa a fazer sentido, quando ele começa a formular um significado para o que ele vivencia. Não basta apenas mostrar um tambor para a criança para que ela saiba o que é, ela precisa tocar no tambor, olhar, e realizar vários testes que a revelarão que o tambor faz um determinado barulho e que é determinado objeto. Através desta experiência é que a criança será capaz de reconhecer o tambor em um contexto diferente.

A livre expressão proposta por Freinet em sua proposta do método natural deixa claro que a criança descobre em si, no ambiente e nos outros, através da experimentação de várias situações, o que a deixa confortável, o que ela gosta e o que a incomoda.

Através do desenho e da escrita livre a criança desenvolve sua capacidade motora, cria hipóteses de melhoria, faz observações de si própria buscando sempre um aperfeiçoamento, uma nova tentativa que a cada passo é um novo êxito, pois a cada tentativa surge uma semelhança maior em relação à palavra, letra ou imagem que se

pretende representar.

Este Método Natural de Freinet pressupõe que é através da imersão da criança na escrita, interagindo com textos e historinhas, desenhando e tentando escrever que ela se familiariza com a leitura e a escrita.

Utilizando os cinco sentidos, tato, olfato, paladar, audição e visão, a criança tem uma percepção maior do mundo que a cerca, portanto, Freinet (1977) afirma que a criança vê o todo, o global, para depois analisar as partes que compõem este todo, sendo, portanto, fundamental estimular sua reflexão, sua criatividade, o trabalho, a cooperação e a solidariedade, para que a criança comece a perceber o outro como parte importante e subjetiva do todo que a cerca.

Além de Freinet, Heloisa Marinho também defende o Método Natural, aliás, o Método Natural da escola observada possui sua base filosófica totalmente embasada no Método proposto por Heloisa.

Embora Heloisa e Freinet, tenham criado métodos com nomes semelhantes e realmente semelhantes em alguns pontos, segundo Carvalho (2010) o Método de Heloisa Marinho é melhor estruturado que o de Freinet, além de utilizar-se de palavras-chave, assim como o método de Paulo Freire, e tratar-se de um método verdadeiramente misto, uma vez que a autora inspirou-se nos métodos sintéticos e analíticos para criar este Método Natural.

Heloisa Marinho realizou, após longos estudos na Alemanha, diferentes pesquisas em turmas experimentais e de controle, estabelecendo comparações entre diferentes métodos e processos.

Este trabalho de pesquisa de campo teve início em 1943, no Instituto de Educação do então DF- Brasil, com a colaboração do professor Lourenço Filho, então diretor do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP).

A partir do momento em que foi possível determinar o quê,

quando e como começavam a se desenvolver no aluno comportamentos contraproducentes, e a se instalar hábitos indesejáveis à leitura com compreensão, Heloisa Marinho iniciou o aperfeiçoamento de técnicas e materiais, e a testagem, através de pesquisa, de forma a medir sua validade.

Alguns anos se passaram até que toda uma metodologia fosse organizada e aprovada através da pesquisa. Pode-se dizer que a primeira aplicação mais semelhante ao “Método Natural”, hoje conhecido, foi feita por duas de suas alunas, as professoras Arlete Santos e Maria Caldeira Fucs, em 1946, em turmas experimentais do Instituto de Educação. (SOARES, 1981)

Podemos perceber que, tanto o método de Freinet quanto o de Heloisa foram validados por meio da prática.

Através de um procedimento de pesquisa e de análise para que se observasse o que poderia ser feito para melhorar a qualidade da educação foi que surgiu o Método Natural criado por Heloisa Marinho.

No livro alfabetizar e letrar de Marlene Carvalho, temos uma síntese dos passos de aplicação deste Método Natural de Heloisa Marinho:

1) A professora usa abundantemente a escrita. Registra, à vista dos alunos, fatos ocorridos na sala de aula, ou algo dito pelas crianças. Escreve bilhetes, convites, avisos destinados aos pais.

2) Estimula a percepção dos sons iniciais e finais de palavras ditas oralmente, utilizando técnicas e materiais que permitam descobrir semelhanças e diferenças entre sons, através de comparação...

3) Forma um vocabulário básico de 35 a 40 palavras (apenas substantivos e verbos) que a criança deve aprender a reconhecer globalmente, em sentenças e pequenos textos, qualquer que seja

sua posição nos textos.

4) leva a criança a descobrir o som dentro da palavra e a associar o som à letra. Os recursos didáticos dessa fase são denominados “análise estrutural” (dizer as palavras lentamente para destacar os sons ao mesmo tempo em que vê a sua forma gráfica) e “análise comparativa” (levar o aluno a associar os sons às letras que os representam).

5) estimula a criança a ler e escrever palavras novas com compreensão e rapidez, incentiva a leitura como fonte de informação e de prazer e a escrita como instrumento de registro de idéias e de comunicação. (CARVALHO, 2010)

Estes passos acima explicitados por Marlene Carvalho, também são citados por Soares (1981) em seu livro, ‘Fundamentos e Metodologia da Alfabetização: Método Natural’, como materiais organizados por Heloisa Marinho e seu grupo, onde são denominados de pré-livro, quadro de pregas, visor fonético, escrita lenta e cartão relâmpago, que podem ser entendidos como recursos didáticos para trabalhar o currículo do Método Natural proposto por Heloisa Marinho. Logo percebemos que, os passos descritos na citação de Carvalho correspondem a função de cada material citado por Soares (1981).

O Método Natural criado por Heloisa surgiu inspirado em princípios estruturalistas, sendo influenciado pelo pragmatismo de Dewey onde se acredita que a sociedade produz o seu futuro através da educação que oferece às suas crianças e jovens, sendo assim, Heloisa tinha a crença de que o seu método oferecia qualidade educativa.

Além de ter sido inspirado em princípios estruturalistas, o Método proposto por Heloisa especifica como os princípios fundamentais da verdadeira aprendizagem são constituídos:

- Pelo interesse em novidades;

- Pela investigação variada e criadora do ambiente realizada pela

atividade livre da própria criança;

- Pela assimilação progressiva de novas descobertas;

- Pela iniciativa pessoal inteligente em que a própria criança dirige sua aprendizagem;

- Pelo aproveitamento pessoal da experiência social transmitida pela linguagem significativa;

- Pelo uso dos recursos infinitos da leitura e da escrita em ampliar conhecimentos assimiláveis à experiência pessoal do indivíduo.

(MARINHO, 1978)

Respeitando estes princípios de aprendizagem da criança, contribuímos com o seu processo de aprendizagem natural, uma vez que por natureza a criança é curiosa, observadora e questionadora.

Estes são os princípios básicos que norteiam todo o processo de aprendizagem do Método natural proposto por Heloisa e, certamente, nos remetem a alguns outros sobre como as atividades devem ser organizadas:

a. A livre escolha da atividade deverá ser encarada como um direito permanente da criança dentro da sala.

b. O respeito ao direito alheio, assim como a atitude espontânea de auxílio ao colega serão resultados naturais e gradativos da sua experiência social de dirigir com liberdade sua própria ação.

c. As atividades serão propostas de forma que o aluno possa sempre optar e escolher uma dentre várias.

d. Algumas serão oferecidas ao grupo todo, em conjunto- “Atividades de conjunto”-, nunca devendo ultrapassar 20

e. minutos de duração (máximo), e deverão ser reservados à história, teatros, apresentação de palavras novas, de novas técnicas, materiais, conversinhas, etc. (MARINHO, 1978)

É possível perceber a importância da organização durante todo o processo educativo e de realização das atividades, uma vez que a organização influencia diretamente no desenvolvimento da criança, pois tendo cada coisa em seu lugar a criança aprende a se organizar, consegue utilizar os materiais de forma mais variada, pode optar entre trabalhar individualmente ou em grupo, utiliza melhor o espaço, entre tantas outras coisas que a simples organização do ambiente possibilita.

Embora haja diferenças entre o Método de Heloisa e o de Freinet, ambos concordam que a aprendizagem deve acontecer de forma lúdica e livre, que as crianças devem ter liberdade para criar, para tentar, criar hipóteses, concordam que a criança precisa ser criança, aprender como criança, brincando, de forma divertida, e se desenvolver ao seu tempo. Assim como ambos acreditam que o estímulo é uma peça chave no processo educativo, uma vez que através de um ambiente e atitudes estimulantes a criança se sente provocada, tentada a descobrir, a criar, ou não, uma vez que a falta de estímulos pode inibir a criança e levá-la a rejeitar qualquer proposição de atividades mesmo que livre.

Heloisa defende que a criança conquista seu mundo pela experiência própria, uma vez que a experiência com o mundo constitui a principal fonte de aprendizagem, assim como Freinet defende que a criança aprende a ler lendo, a desenhar desenhando, ou seja, aprende a fazer fazendo, praticando.

CAPÍTULO 2: A PRÁTICA

2.1 O Jardim de Infância e os centros de estimulação

Neste capítulo pretendo apresentar o processo de educação no Jardim de Infância, os centros de estimulação existentes nas salas de aula e quais as funções de cada centro, analisar quais são as habilidades que estes centros ajudam a desenvolver nas crianças de quatro a cinco anos de idade e de que forma isso acontece. Analiso, também, como as crianças do Jardim vivenciam o currículo escolar.

O Jardim de Infância deve proporcionar à criança meios de expressar livremente sua experiência no convívio com a professora e os colegas, na dramatização espontânea, nas artes manuais e na Música. Neste brinquedo livre, a capacidade crescente incentiva a escolha de atividades cada vez mais complexas. Modelos apresentados pelo adulto tolem a espontaneidade e retardam o desenvolvimento da criança na realização independente. O trabalho da professora consiste em dar à criança apoio afetivo e em propiciar riqueza de experiências, que aos poucos alargam o âmbito dos conhecimentos infantis.

No Jardim de Infância deve a criança encontrar a natureza, o sol, a dança das folhas levadas pelo vento, o desabrochar das flores, a vida dos animais, a liberdade.

O Jardim de Infância não pode substituir o lar com aulas impessoais dadas a grupos numerosos. A limitação do espaço e da atenção pessoal da professora inibe a atividade infantil, causando sério prejuízo ao seu desenvolvimento. (MARINHO, 1978)

As crianças que chegam ao Jardim de Infância precisam de uma atenção especial para que possam se desenvolver bem. É difícil obter bons resultados educativos e de desenvolvimento se rompermos com todo o contexto que a criança conhece e vive

repentinamente, se a tirarmos do seu meio protegido para jogá-la em um meio desconhecido e frio, sem atenção e sem ter a quem recorrer.

O Jardim de Infância precisa de professores capacitados, pacientes e afetivos com as crianças para que estas, aos poucos, se sintam em um ambiente confortável, acolhedor e possam desenvolver suas habilidades de acordo com suas características, vivências e interesses.

As turmas de Jardim de Infância observadas são adaptadas para as crianças, ou seja, mesas, cadeiras e sanitários de tamanho proporcional, tendo como capacidade máxima vinte e dois alunos por sala e divididas em quatro centros de estimulação que podem ser explorados cotidianamente pelas crianças das mais variadas formas. Estes centros são de artes, de construção, de leitura e de dramatização e são os locais específicos para determinados tipos de atividades.

O mais interessante nesta análise é perceber que não há um centro favorito pelas crianças, pode até ser que elas não gostem muito de um deles, mas não conseguem escolher apenas um preferido, sempre ficam em dúvida pelo menos entre dois, que variam de dia para dia. Quando pergunto hoje para a criança X qual centro de estimulação ela prefere, a mesma responde que é o centro de dramatização, se repito a pergunta amanhã para esta mesma criança ela me responde que é o centro de artes e, assim, vai sempre alterando sua preferência.

Tudo depende do momento que a criança está passando, de como ela está se sentindo, se quer brincar em grupo ou sozinha, se quer brincar ou ficar quieta, se está com sono ou com dores. Tudo é relativo quando se trata de crianças e dos centros de estimulação, mas, o mais importante é que as elas se sentem bem explorando todos os centros existentes em sua sala, elas participam, elegem as brincadeiras ou as historinhas que querem escutar ou contar para os outros amigos, conversam e resolvem conflitos, quase sempre, sem precisar do adulto para falar por eles.

Não precisa o professor intervir em todos os casos. Existem formas de agressão aparente que não passam de tentativas de

experimental o ambiente social. O menino puxa o cabelo das meninas só pela graça de vê-las chorar. O revide inesperado de uma vítima mais forte constituirá o melhor corretivo desta forma de agressão.

Alguns conflitos são úteis: a situação de duas crianças desejarem o mesmo brinquedo proporciona não só incentivo ao conflito como à colaboração. Devidamente orientadas, aprendem a brincar juntas em vez de se agredirem. (MARINHO, 1978)

As crianças têm a iniciativa de buscar o que querem, de chamar os amigos para brincar e explicar como a brincadeira funciona, eles criam regras para as brincadeiras novas e alteram regras já existentes em brincadeiras tradicionais.

No centro de artes as crianças possuem mesas e cadeiras adaptadas à sua idade para que elas possam utilizá-las para pintar com giz de cera, com o dedo ou com tinta, desenhar com giz de cera ou pincel, e realizar outras atividades artísticas propostas pela professora, inclusive, no Jardim de Infância as crianças já utilizam muitas técnicas de Artes Plásticas, trabalhos com argila, com papel mache, com anilina, fazem colagens e recortes, realizam a escrita e os desenhos livres para poderem se expressar tendo a liberdade de escolherem temas, cores, formas, enfim, o que preferirem desenhar ou escrever.

Aliás, as crianças adoram este centro, gostam de se sujar com tinta, de desenhar vários desenhos diferentes e coloridos, inclusive, utilizam os dois lados da folha quando estão fazendo uma atividade livre e, às vezes, pedem outra folha. Há também os que não gostam muito de certas atividades realizadas neste centro, gostam de colagens e não gostam de desenhar ou escrever.

[...]. O desenho livre é um dos melhores, mais eficientes e infalíveis instrumentos de avaliação e prova de coordenação visual-motora; percepção de detalhes internos e externos da figura; constância de percepção; equilíbrio; ritmo; além de nível de organização de pensamento e outras características como tipo de atenção, grau de

persistência, etc. É a cena completa, feita com traçado firme, com riqueza de detalhes que prova que a criança atingiu todos esses comportamentos necessários.

[...]

A não apresentação das características do desenho, antes referidas, não tornam a criança incapaz de aprender a ler, mas indicam, claramente, que ela necessita de mais tempo e mais experiências de observação, e exploração do mundo do mundo natural que a rodeia...

Esta metodologia não prescreve período para amadurecer e tempo para estar crescido e pronto. O crescimento é contínuo e pode ser mais rápido ou mais lento, dependendo das características de cada criança. (SOARES, 1981)

Na aprendizagem livre da criança pré-escolar o aumento gradativo da persistência em determinada atividade naturalmente resolve o problema de atenção, dispensando exercícios de treinamento artificial...

A verdadeira aprendizagem consiste em conquista pessoal. (MARINHO, 1978)

Na citação podemos perceber algumas das muitas habilidades que o desenho livre ajuda a desenvolver na criança, tendo em vista a simplicidade que permeia esta atividade. Colocando esta teoria em prática, ele consiste em entregar um papel para criança e alguns gizes de cera ou lápis coloridos e deixar que ela escolha o que quer desenhar e com quais cores quer pintar. Tão simples e tão rico.

Além do desenho livre que apresenta tantos benefícios para o desenvolvimento da criança temos também atividade de pintura a dedo que:

... é de todas as atividades a mais completa, pois desenvolve a coordenação motora e o ritmo pelo uso simultâneo das duas mãos,

apoiadas no movimento de todo o corpo; atende a necessidade de manipulação da criança, além de ser um recurso para extravasar tensões. Por esse motivo é uma atividade que nunca deverá faltar na sala de aula. É inestimável o auxílio que presta à aprendizagem da escrita. (SOARES, 1981)

Como relatei no início desta temática, todas estas atividades citadas por Soares fazem parte do cotidiano das crianças, do que estas realizam no centro de artes.

No centro de artes as crianças não realizam apenas atividades livres, elas também realizam atividades específicas, fazem desenhos do dia da Páscoa, dia das mães, do Índio, além dos desenhos que são voltados para os conteúdos vistos em sala, como por exemplo, desenho das formas geométricas, desenho de plantas e do meio ambiente, mas eles escolhem o que desenhar dentro das temáticas.

Vale à pena ressaltar que neste método a criança não deve pintar desenhos prontos, cobrir pontilhados, ou coisas parecidas, que as professoras fazem e levam para a sala. Tudo deve ser produzido pelas crianças, elas desenharam e pintam seus próprios desenhos, elas recortam e colam as figuras que encontraram, entre outras características que ajudam a criança a ser mais independente e autônoma.

As atividades artísticas são primordiais quando o assunto é desenvolvimento da criatividade e sensibilidade, são habilidades que, embora também se desenvolvam em outros centros, é mais notável no centro de artes por este ser, como afirma Soares, completo.

No centro de leitura as crianças podem ler livros, embora elas ainda não saibam ler a palavra escrita, elas reconhecem letras no livro, não pelo nome da letra, mas de acordo com as letras de seu nome, contam histórias de acordo com a leitura que fazem das imagens, além de reproduzirem historinhas já conhecidas por eles, pegam o livro da Branca de neve e conseguem contar a historinha como se estivessem lendo, através da observação das figuras e do que já sabem sobre a história. Neste centro se encontram também vários livros produzidos pelos próprios alunos.

O centro de leitura deverá:

... oferecer livros de histórias com gravuras grandes e coloridas, bem como livros organizados pelas próprias crianças. O gosto pela leitura, hábitos de limpeza, arrumação e cuidado com os livros, assim como a linguagem e o pensamento poderão ser desenvolvidos. (SOARES, 1981)

A autora apresenta algumas das habilidades que o centro de leitura ajuda a desenvolver na criança, mas além das habilidades citadas por Soares, este centro também ajuda a desenvolver a criatividade e a sensibilidade da criança, assim como o centro de artes e todos os outros centros, uma vez que estas são habilidades que podem ser desenvolvidas de diferentes formas, a leitura de imagens, a formação de opiniões e de críticas, o gosto literário, descobrir qual tipo de livro prefere, que tipo de imagens lhe chama a atenção, a perceber o outro, valorizar o diálogo, saber dividir, emprestar e pedir emprestado.

Em todos os centros de estimulação a interação das crianças umas com as outras e com o ambiente é valorizada, dando espaço para o diálogo e para atitudes solidárias, contribuindo, assim, com o desenvolvimento da linguagem falada e autonomia da criança.

Através da leitura a criança consegue se transportar para o mundo imaginário onde ela pode ser o que quiser, princesa ou bruxa, heroína ou vilã, ou simplesmente ela mesma. Este é um espaço criador onde a criança se encanta com suas próprias capacidades imaginárias e com sua criatividade.

No centro de leitura a criança tem a oportunidade de ler pelo prazer, explorar imagens e letras por diversão, porque este é um momento em que quanto mais a criança se diverte, observa, visualiza, mais ela desenvolve suas habilidades.

No centro de construção as crianças constroem e desenvolvem, principalmente, a psicomotricidade através da montagem de blocos lógicos de várias cores, formas e tamanhos, quebra-cabeças, peças de madeiras que possuem variadas formas, cores e tamanhos, legos coloridos, blocos construídos pelas próprias crianças, entre tantas outras atividades possíveis de serem realizadas neste centro.

Através do encaixe e desencaixe das peças as crianças vão tentando várias combinações possíveis para a construção de brinquedos, os meninos criam robôs, prédios, pistas de carro, carros, monstros, sempre muito criativos colocam várias peças uma em cima da outra e fingem que fizeram qualquer coisa que quiserem, podem ser aviões ou navios, entre tantas outras coisas e, as meninas fazem castelos, casas, torres.

Pelo que pude observar, a maioria das meninas preferem as peças de madeira para construir as formas das casas e castelos, inventam até mesmo bonecos com as pecinhas. Já os meninos, em sua maioria preferem os legos ou peças de encaixes firmes, para que possam tirá-los do chão, fingindo que são aviões e robôs.

No centro de construção eles constroem idéias, criam hipóteses sobre como fazer com que peças soltas se transformem, ou pelo menos fiquem um pouco parecidas, com algum brinquedo que eles gostem, como encaixar as peças umas nas outras para que elas não caiam, para que o castelo não desmorone. E por si próprios montam e remontam até encontrarem a solução que lhes agrada, ou desistirem daquela idéia partindo para outra criação nova. Muitas vezes as crianças apenas colocam uma peça de madeira em cima da outra, construindo apenas uma grande torre para que elas possam derrubá-la.

Brincando livremente no centro de construção as crianças vão desenvolvendo as seguintes habilidades:

.... o controle muscular e adquirindo noções de forma, volume, tamanho, peso, espessura, espaço, quantidade, assim como descobrindo as relações matemáticas de dobro, triplo etc...

Tão importante quanto as noções de geometria, a socialização também é desenvolvida através da necessidade da criança em dividir com coleguinhas o material ou disputar um bloco, pois não podemos esquecer que os conflitos são necessários à formação de um ser social. (SOARES, 1981)

Fica claro por este trecho que o desenvolvimento acontece mesmo nos conflitos, em uma disputa, um desentendimento, uma vez que estas não deixam de ser situações sociais que contribuem na formação de seres sociais. Através de situações de conflito também desenvolvemos nossa sensibilidade, nossa capacidade de perdoar e de pedir desculpa, de entender que os outros podem ter vontades diferentes das nossas, que não queiram emprestar ou dividir, compartilhar, um brinquedo, e escutar ‘não’ também faz parte do nosso desenvolvimento pessoal. Afinal, não podemos ter tudo que queremos sempre.

No centro de construção podemos desenvolver ainda as habilidades de memorização, para brincar de jogo da memória, e de raciocínio, para montar um quebra cabeças, por exemplo.

... Para construir pequenas áreas ou portais com blocos de madeira a criança de três a quatro anos concentra por mais tempo sua atenção do que o bebê de seis meses que relaciona dois cubos batendo-os um no outro, ou arrastando-os sobre a mesa. Todas as fases são necessárias ao desenvolvimento.

Dificuldades cuja solução esteja ao alcance da criança constituem importante incentivo ao progresso na aprendizagem. Tendo conseguido encaixar dois cubos a criança experimenta o problema mais difícil de encaixar três. Tendo esgotado as possibilidades do encaixe espontaneamente ensaia a sobreposição, e demonstra alegria ao conseguir construir torre de dois, três ou mais cubos. Nos primeiros meses e anos de vida a criança tem sadio fome de novidades. Rapidamente enjoa de objetos conhecidos que não se ajustam a novas descobertas. (MARINHO, 1978)

A criança precisa de estímulos variados para que se envolva com as atividades e se desenvolva, cabendo, assim, ao professor oferecer os estímulos e materiais necessários

para que isso aconteça, para que a criança não perca o interesse pelo ambiente escolar.

E, enfim, o centro de dramatização é onde as crianças podem ser personagens variados. Este centro é como uma réplica em miniatura de uma casinha que possui bonecas, geladeira e fogão de brinquedo, guarda-roupas, sofá, armário, até telefone de brinquedo, peças de louças como pratos, copos, panelas, talheres, mesa e cadeiras, alguns alimentos de plástico e também de madeira, bercinho para as bonecas, fantasias para que as crianças possam se transformar em personagens como policial, papai, princesa, fada, espelho, entre algumas outras coisas.

... esta casa de boneca em tamanho proporcional ao das crianças deve oferecer material variado que possibilite a dramatização natural da vida no lar. Meninos e meninas brincando resolvem situações sociais de vida e ajustam seu comportamento ao do grupo, aprendendo a respeitar e fazer respeitar os seus direitos. (SOARES, 1981)

As habilidades que este centro ajuda a desenvolver são a percepção, dramatização, capacidade de adequar a fala em diferentes contextos, assim como seu comportamento, criatividade, utiliza regras de convívio social, coopera com os amigos, pede ajuda quando necessário, conseguem fazer acordos quando querem brincar de coisas diferentes, reconhecem a existência de perigos no ambiente, por exemplo, brincando de mamãe e filho no centro de construção a criança que interpreta o papel de mãe alerta o filho sobre o cuidado com o fogo que ‘está aceso’ no fogão (lembrando que o fogão é de brinquedo, então esta é uma situação imaginária da criança), sobre andar descalço, entre outras situações, noções de higiene, quando interpretando a criança pede que o “filho” lave as mãos antes da refeição, escove os dentes ou tome banho.

O centro de dramatização é o melhor espaço para que as crianças projetem suas vivências pessoais, escolares e familiares. Observando as crianças atuando neste centro podemos identificar o que as crianças gostam e o que não gostam de comer, de fazer ou que façam com elas, podemos identificar situações problema tanto escolares quanto

familiares a partir da interpretação que ela faz de determinados papéis, por exemplo, se ela interpreta ser um pai agressivo, uma mãe ausente, muito ocupada, ou uma professora fria, que grita muito, possivelmente, essa é a imagem que ela tem na realidade da pessoa que ela interpretou, ou pode ser algo referente a algum filme ou novela que ela tenha assistido, ou alguma conversa que ela tenha ouvido e que de alguma forma e por algum motivo a marcou.

Todas as atividades desenvolvidas nos centros de estimulação fazem parte de uma rotina maior que detalharei a seguir.

2.2 Construção da rotina

Apresentarei a rotina semanal do Jardim de Infância, as atividades que eles realizam e as habilidades que eles desenvolvem neste processo.

As atividades rotineiras são aquelas realizadas com frequência, ou seja, atividades que acontecem pelo menos uma vez por semana, como a roda inicial e final que são realizadas todos os dias, o dia de ir à Biblioteca que é semanal, de ir ao mercadinho que também é semanal, ir ao parque é uma atividade diária, aula de música e de Educação Física que também são semanais e dia do brinquedo que é um dia na semana em que as crianças podem trazer brinquedos de suas casas, no caso do Jardim de Infância que observei o dia do brinquedo era toda sexta-feira, ou seja, é uma atividade semanal.

A roda inicial é onde se realiza a chamada, as crianças chegam à sala, tiram seus calçados, pegam os cadernos, frutas e garrafas na mochila e sentam nas cadeiras em forma de roda. Nesta roda as crianças cantam músicas com as professoras, fazem algumas dinâmicas, observam o clima, saem da sala para ver se está chovendo, nublado ou sol, e colocam a ficha que ilustra o tempo no devido local, assim como os dias da semana, as crianças respondem que dia é hoje, também através de fichas, mas, sem ilustrações. É incrível a capacidade de memorização que elas têm, em menos de um mês de aula, grande

parte das crianças já reconheciam alguns dos dias da semana escritos nas fichas, assim como os nomes delas e dos amigos na chamada, que é feita de forma dinâmica, os nomes das crianças ficam em fichas, onde todas podem ler juntas os nomes dos colegas, ou a professora indica uma criança para ler o nome escrito em uma das fichas, se a criança não souber de quem é o nome os colegas da sala ajudam a descobrir, sendo que cada um guarda a ficha com o seu nome no local específico.

Nesta roda inicial as crianças conseguem desenvolver a atenção, a observação, percepção, memorização, disciplina, aprende a esperar sua vez, noções de ritmo, quando estão cantando as músicas iniciais, concentração, entre outras habilidades.

Após a roda inicial, cada criança guarda sua cadeira e, acompanhadas pela professora ou auxiliar, lavam as mãos no banheiro para comerem a fruta, que é servida antes do lanche de modo coletivo, ou seja, todas as frutas trazidas pelos alunos são cortadas juntas em bandejas, onde todos comerão, não apenas a sua, mas um pouco de cada fruta. Assim, o desperdício é menor e a satisfação das crianças é maior.

Através destas atitudes a criança desenvolve a noção de higiene, de compartilhar, dividir, noções de cidadania, de cuidado com o ambiente, além das habilidades de manuseio, quando guardam as cadeiras, noções de espaço, para não esbarrarem a cadeira nos amigos, além de criar hábitos saudáveis de alimentação, higiene e organização.

Após comer a fruta as crianças fazem atividades ou brincam em algum dos centros de estimulação da sala até o horário de lanchar, normalmente a professora pede para que elas fiquem no centro de dramatização ou de construção. Quando chega a hora do lanche, novamente as crianças lavam as mãos, pegam suas lancheiras, sentam-se à mesa e organizam suas coisas, abrem a toalha para colocar o lanche em cima e comem. Ao terminar o lanche elas vão escovar os dentes e calçar os sapatos para irem ao parque junto com a auxiliar de classe.

Na sala de aula há duas lixeiras, uma de lixo orgânico e outra de lixo reciclável, as crianças sempre separam o lixo. Às vezes elas se confundem e jogam o papel molhado no

lixo reciclável, então, a professora as faz lembrar de que para colocar o papel no lixo reciclável ele deve estar seco e limpo. Essa atitude ajuda a desenvolver na criança o cuidado com o ambiente, a noção de reciclagem e a consciência ambiental, respeito ao ambiente.

Em dia de aulas extras as crianças não brincam nos centros de estimulação após comerem a fruta, esperam pelo professor específico no centro de leitura e, após voltarem da aula segue a mesma rotina de lavar as mãos, lanchar, calçar os sapatos e ir ao parque, quando o parque não está muito molhado por causa da chuva, a professora deixa que as crianças escolham se querem ir ao parque calçadas ou descalças.

Em dias de chuva, que não é possível ir ao parque com as crianças, as professoras as levam para o pátio, junto com uma caixa de brinquedos ou de peças para montar, que é um local coberto e diferente da sala de aula, o que deixa as crianças muito felizes. Afinal, ficar horas seguidas no mesmo local é entediante para os adultos, imagine para as crianças.

Duas vezes na semana, segunda e quinta-feira, o Jardim de Infância tem aula extra de Música e Educação Física, respectivamente. Estas aulas são realizadas em salas diferentes, específicas, sendo a de Música realizada no Auditório e a de Educação Física realizada em uma sala denominada Tatame, por ter o chão quase que totalmente forrado por material emborrachado, evitando que as crianças se machuquem e estimulando-as a utilizarem o espaço sem medo. Estas duas aulas possuem professoras formadas nas respectivas áreas.

Como as crianças ainda são pequenas, na aula de Educação Física os professores focam no desenvolvimento psicomotor, além da lateralidade, agilidade, hábito saudável de fazer exercício, importância da água para o corpo.

Enquanto, na aula de música a professora trabalha com ritmos, velocidade, tons, tipos de instrumentos, como utilizar e manusear alguns instrumentos, além da memorização, movimento corporal e novos repertórios musicais.

Durante os outros dias da semana as crianças realizam outras atividades em sala de aula e em outros ambientes, como a biblioteca, lugar aonde elas vão todas as terças-feiras

para escolherem livros diferentes que são levados para a sala de aula e colocados no centro de leitura. Mas elas também lêem os livros, analisam as gravuras, contam historinhas para os amigos, e mostram uma seletividade incrível para escolher o que querem.

Enquanto alguns preferem os gibis, outros preferem revistas e até mesmo livro sem imagens, ou livros com muita ilustração colorida e poucas letras.

Sempre que retornam do parque, as crianças lavam as mãos novamente, as professoras trocam a roupa das que estão muito sujas e todas fazem uma roda em frente ao calendário. Neste momento as crianças respondem juntas e com a ajuda da professora, observando o calendário, em qual ano, mês, dia do mês e da semana estão, que dia foi ontem e qual será amanhã. Depois, uma por uma, falam o que fizeram no dia de ‘hoje’, o que mais gostaram e o que não gostaram, e depois que todas terminam de falar uma criança é eleita para desenhar, no dia do calendário correspondente, alguma coisa que tenha feita neste dia. Ao decorrer do mês todas as crianças desenharam no calendário.

Quando termina a roda do calendário, todas as crianças guardam as cadeiras, se estiverem sentadas nelas, e formam outra rodinha próximas à porta de saída, lugar onde elas recebem os cadernos e garrafas que devem ser guardadas na mochila. Terminando de guardar suas coisas elas vão esperar os pais ou responsáveis no corredor acompanhadas pela auxiliar de classe, fazendo brincadeiras em roda.

2.3 A vivência do Currículo no Jardim de Infância

Pretendo explicitar os conteúdos programáticos que compõem o currículo do Jardim de Infância abordando a forma como estes são trabalhados.

“Tudo aquilo que acontece com a criança na Pré-Escola desde o bom-dia da entrada ao até amanhã da saída são experiências envolvidas com a sua formação, que se positivas, estimulantes e mantenedoras do bem-estar da criança estarão

contribuindo para o seu desenvolvimento pleno e sua integração social. Essas experiências podem ser de caráter físico, intelectual e afetivo-social e são resultantes da ação da criança no ambiente da Pré-Escola. É agindo e interagindo com pessoas e objetos que a criança estrutura as bases de sua personalidade e se desenvolve física, psicológica e socialmente. A ação da criança é fundamental para o seu desenvolvimento: logo, a característica predominante do currículo Pré-Escolar deve ser a de se realizar através de atividades.

Currículo Pré-Escolar, portanto, são todas as experiências, resultantes de atividades oferecidas pela Pré-Escola à criança, com objetivo de promover o seu desenvolvimento pleno e sua integração social.” (SOARES, 1989)

“O currículo do Jardim de Infância consiste de vivências e não de aulas a serem ministradas e repetidas.

Em situações naturais de vida semelhantes ao ambiente familiar deverá o currículo abranger:

- a saúde;*
- a vida social;*
- o prazer da música;*
- o trabalho criador das artes plásticas;*
- convívio com a natureza e o mundo variado das coisas;*
- A observação e o comentário espontâneo da experiência;*
- a fantasia no reino encantado das histórias;*
- a formação de hábitos indispensáveis à vida;*

- a comunicação da linguagem oral- relacionada a situações e conhecimentos de vida.”

[...]

“O terreno do Jardim de Infância tem a mesma função do parque: convidar a criança para o convívio com a natureza e oferecer estímulo ao movimento livre.” (MARINHO, 1978)

Todos os conteúdos curriculares do Jardim de Infância são vivenciados de forma lúdica no contexto da sala de aula. São vivências práticas que estabelecem relações entre o ambiente familiar e o escolar.

A criança aprende formas geométricas enquanto brinca nos centros de estimulação, ou em qualquer outra parte que ela vá, uma vez que em todas as partes é possível notar uma forma geométrica diferente, desde as formas dos cadernos e livros, dos painéis e desenhos no chão, até as pequenas peças de madeira, das louças, do espelho, entre outras coisas. Assim, também, eles aprendem a noção de quantidade, de posições e de ordem, quando dizem para o outro, por exemplo, “eu vou primeiro e depois você vai”, quando estão na roda do calendário ou, ainda, criando hipóteses para montar peças com alguma forma, em que sugerem que uma peça deve ser colocada primeiro que a outra; desenvolvem a fala à medida que se comunicam um com o outro, enquanto cantam músicas, contam e ouvem histórias; compreendem que a sala de aula é um espaço coletivo e, também, as funções de cada coisa, para que elas servem, por exemplo, para que serve o prato e a colher, os pincéis e as folhas, o cadarço do tênis e o boné, além de criar novas funções para algumas delas, por exemplo, quando fazem um lençol de véu, ou uma vassoura de cavalo, uma pedra de ovo, enfim, quando utilizam a imaginação para re-significar os objetos do meio que as cercam.

Desenvolvem o raciocínio lógico quando monta peças de quebra-cabeça, quando constrói torres com legos, além de noções de espaço, tamanho, espessura, semelhanças e diferenças de brinquedos, desenhos, materiais, detalhes, cores. Tudo isso a criança desenvolve no fazer diário, sem necessidades de cartilhas, cobrir pontilhados, ou utilizar

caderno de caligrafia. As crianças naturalmente fazem observações, reparam se há novidades na sala, um brinquedo ou jogo novo, se trocou o mês do calendário.

Através do Vocabulário-vivo, que é um vocabulário feito de acordo com temas que as crianças trabalham em sala, por exemplo, se elas trabalharam o tema ‘carnaval’, viram o que é e como é o carnaval, quais são os tipos de música e de roupas que se usam nesta festa, entre outras características, então esta palavra ‘carnaval’ junto com uma imagem que a represente é colocada em uma ficha e anexada ao mural onde fica o vocabulário vivo, as crianças começam a relacionar a palavra escrita com a imagem, assimilando o significado da palavra, fazendo com que o aprendizado seja rico.

Através da janela do tempo, onde a criança observa se está chovendo, nublado ou sol, as crianças desenvolvem noções de variações climáticas que é conteúdo das ciências naturais e que fazem parte dos componentes curriculares do Jardim, assim como quando as crianças vão para a horta plantar alguma semente, onde elas pegam a terra adubada, fazem um buraco para a colocarem, fecham o buraco sem apertar, para não sufocá-la, e molham a terra para que a semente se transforme em uma planta. Neste processo de plantar a criança percebe as fases de vida da planta, ela entende que a semente vai se desenvolver e virar uma planta que vai crescer, então ela virará comida ou árvore, que pode dar frutos ou não.

A Criança do Jardim de Infância percebe o seu corpo e as partes que o compõe, mãos, pés, barriga, cabeça, cérebro, pulmões, coração, e sabe que cada parte tem uma função. Percebe que há noite e dia, sol e lua, calor e frio, chuva, nuvens, terra e água, que os animais são diferentes, que alguns voam e têm penas, enquanto outros rastejam, que o cachorro late e o gato mia, que a abelha ferroa, que o sapo salta. A criança entende o que é lixo e onde devemos jogá-lo, sabe que existem regras que devemos respeitar e, que se não respeitamos o outro o outro pode não nos respeitar.

Então, todas essas percepções, noções e saberes concretos são frutos da vivência, observação e experiência que essas crianças têm cotidianamente, tudo é desenvolvido porque é praticado e se torna significativo para a criança.

Extraí alguns fragmentos do livro de Soares, Educação Pré-escolar, que traz

informações importantes sobre o currículo das crianças do Jardim e aborda a importância de se planejar sobre os estímulos que levarão os alunos a vivenciarem determinada experiência educativa:

No planejamento de um currículo pré-escolar, o educador tem que selecionar os estímulos que levarão a criança à atividade, tendo em mente que esta atividade será a responsável pela experiência educativa que se pretende oferecer à criança. O trabalho do professor reside, portanto, basicamente, em selecionar estímulos convenientes.

Estímulos → atividades → experiências

Para que as atividades planejadas resultem em experiências significativas para a criança pequena, experiências que frutifiquem em desenvolvimento, o educador deve levar em consideração alguns princípios que devem reger a organização dos currículos pré-escolares e que façam com que o currículo seja centrado no desenvolvimento infantil.

[...]

Concreto sobre abstrato: a criança aprende melhor vendo e pegando as coisas...

Próximo sobre o distante: pelo mesmo motivo, só deve a jardineira contar com aquilo que esteja próximo bastante para a criança sentir...

Simples e complexo: ... as atividades devem ser introduzidas de forma bem simplificada, com poucas regras e movimentos e, gradativamente, depois de dominadas pela criança, elas podem ser enriquecidas com detalhes de

execução mais complexa...

Geral sobre o particular: nossa percepção do mundo e nossa forma de aprender se dão da visão do todo para a descoberta do detalhe...

Atual sobre o remoto: a criança sente o presente, o que está acontecendo, o que ela vive e está vendo...

[...]

Atividades:

Calmas x movimentadas: as atividades calmas, se muito prolongadas, terminam por irritar a criança por exigir dela um controle que não é capaz de exercer sobre si mesma para ficar quieta...

Livres x dirigidas: a criança pequenina tem pouca capacidade de permanecer atenta a um assunto, dirigido pelo adulto, apoiadas principalmente na audição. Esses momentos devem existir na pré-escola, como situações rápidas e intermediárias entre dois períodos de atividade livre. (SOARES, 1989)

Soares aborda todos os pontos necessários para que se obtenha bom desenvolvimento da criança, refletindo desde o planejamento até a prática, propondo atividades e explicando suas funções.

Para a criança não é interessante realizar longas atividades dirigidas por estas serem cansativas, assim como realizar atividades muito calmas por um tempo prolongado. A criança possui muita energia e precisa utilizá-la, então elas precisam correr, pular, dançar. Obviamente que, assim como todas as outras atividades que se prolongam demasiadamente, atividades que exigem muita energia também cansam a criança e, às vezes, a chateia e a deixa irritada, agressiva. Ficar muito tempo sentado escutando uma

historinha é tedioso para a criança, automaticamente ela se dispersa por várias vezes, sente vontade de fazer outras coisas, por isso é importante que estes tipos de atividades sejam breves.

Para que a criança apresente um entendimento maior sobre alguns assuntos, animais, ou outros objetos ou seres, é necessário que ela tenha o objeto de estudo próximo a sua visão para que ela associe mais facilmente a fala com a imagem e compreenda o que está sendo explicado. Por exemplo, se o assunto é páscoa e a professora quer falar sobre o coelho, o ideal é que ela apresente um coelho para as crianças. Deste modo as crianças ficam atentas e interessadas, sentem vontade de tocar no coelho, saber o que ele come, observam o modo como ele pula e até o imitam. Assim, a aula se torna mais produtiva e significativa para a criança.

Qualquer que seja o assunto a ser trabalhado, nada melhor que mostrar para a criança, sempre permitir que ela tenha o contato visual e, se possível, deixar que ela toque. Se o conteúdo a ser trabalhado é uma música, o ideal é que a criança possa ver o clip, assim ela associa às imagens a letra da música.

É importante para o desenvolvimento da criança a utilização dos sentidos, quanto mais sentidos ela puder utilizar na realização de determinadas atividades maior será o seu interesse.

Há algumas atividades que, por serem sensivelmente mais agitadas, são próprias para que a criança canalize o excesso de energia, que muitas vezes a torna agressiva, e fique mais calma, por exemplo, pintura com os dedos, onde ela não necessita fazer uma imagem, ou cena, podendo apenas pintar o papel da maneira como sentir vontade e com a cor que preferir. Isso ajuda a criança a focar sua atenção, deixando-a mais serena, tranqüila, menos agitada.

O importante é que a criança se desenvolva de forma natural, espontânea e ao seu tempo.

Após apresentar a estruturação teórica do Método Natural proposto por Freinet e por Heloisa e, analisar o Jardim de Infância, pretendo analisar as contraposições e aproximações existentes entre a teoria do Método e a prática neste no Jardim.

CAPÍTULO 3: PRÁTICA/TEORIA: ANALISANDO AS CONTRADIÇÕES E AS APROXIMAÇÕES

Neste capítulo pretendo analisar a prática da professora da turma de Jardim de Infância observada em relação a teoria do Método Natural proposto por Heloisa Marinho.

Antes de iniciar a análise acredito que seja necessário informar que a professora da turma observada começou a atuar como professora no início de 2012, sendo, portanto, considerada novata.

O Método Natural proposto por Heloisa Marinho estabelece alguns princípios de organização das atividades que já foram citadas no capítulo 1, mas recordaremos agora para que seja possível estabelecer uma relação entre teoria e prática deste ponto específico.

- a. A livre escolha da atividade deverá ser encarada como um direito permanente da criança dentro da sala.*
- b. O respeito ao direito alheio, assim como a atitude espontânea de auxílio ao colega serão resultados naturais e gradativos da sua experiência social de dirigir com liberdade sua própria ação.*
- c. As atividades serão propostas de forma que o aluno possa sempre optar e escolher uma dentre várias. (SOARES, 1981)*

Tendo esta citação como ponto inicial de reflexão da prática em detrimento da teoria, relatarei primeiramente o ponto ‘a’ e ‘c’ da teoria em contraposição com a prática e, em seguida analisarei o ponto ‘b’.

Os pontos ‘a’ e ‘c’ explicitam que a criança deve poder escolher qual das atividades

ela quer fazer em determinado momento, portanto, a professora deve colaborar com este processo de escolha disponibilizando os centros de estimulação. Em teoria parece fácil, mas na prática não é isso o que acontece.

Na turma do Jardim de Infância que observei as crianças não tinham essa liberdade para escolher em qual centro gostariam de iniciar as atividades, onde queriam brincar. A professora estipulava em qual centro uma parte das crianças brincaria enquanto a outra parte da turma fazia atividades direcionadas no centro de artes.

Através desta observação podemos perceber a utilização incorreta do centro de artes, que tira a liberdade de escolha da criança passando todo o poder de escolha para a professora, uma vez que a criança não pode escolher em que momento ela realizará aquela atividade, mas simplesmente a realizará quando a professora decidir que é a vez da criança ‘tal ou tal’. Assim, a atividade do centro de artes deixa de ser uma atividade prazerosa de auto-expressão e se torna uma atividade obrigatória, fugindo da proposta natural.

E, quanto ao ponto ‘b’ citado por Soares, em algumas ocasiões as crianças se sentem forçadas em alguns momentos a tomarem certas atitudes, por exemplo, se uma criança derruba a outra no chão a professora ‘pede’ que ela levante a outra criança, ou se uma criança toma o brinquedo da outra, a professora também age da mesma forma, além de fazer com que a criança peça desculpa mesmo sem ter vontade. Faço estas afirmações por ter vivenciado estas situações, em que se a criança não obedece ao que a professora ‘pede’ a criança fica sentada ao lado dela até agir como a professora ‘pediu’.

Em sua proposta Heloisa apresenta também uma sugestão de divisão de tempo que deve ser flexível e adaptada de acordo com o interesse e necessidades das crianças, mas não é respeitada em muitas ocasiões, uma vez que a professora não adapta os horários de acordo com as necessidades e interesses das crianças e, sim de acordo com as suas.

Entrada- 10 minutos

Atividades em conjunto- 30 minutos- lançamento de palavras, planejamento de atividades, apresentação de nova técnica ou material.

Atividades diversificadas- 2 horas- construção, carpintaria, expressão escrita e/ou plástica (trabalhos), leitura, dramatização, jogos (percepção, memória, matemática, leitura etc.).

Arrumação da sala- 10 minutos.

Atividades em conjunto- 20 minutos- merenda.

Atividades em conjunto- 25 minutos- história, música, entrevista, brinquedos cantados e/ou jogos de salão.

Recreação 25 minutos.

Atividades em conjunto- 20 minutos- avaliação.

Saída- 10 minutos. (SOARES, 1981)

A divisão da turma em apenas dois centros, sem poder explorar os outros dois, em que parte da turma irá fazer atividade direcionada de artes enquanto o restante brincará em algum centro estipulado pela professora mostra claramente como a professora adapta as atividades e horários de acordo com suas prioridades, interesses e necessidades, esquecendo que o foco deve ser o aluno, o desejo do aluno, o interesse deste.

Comumente, quando as atividades de artes são direcionadas, a professora chama duas ou três crianças, no máximo, para fazer a atividade, enquanto todas as outras ficam no outro centro, muitas vezes sem espaço, uma vez que as salas não são tão grandes, o que torna os centros pequenos. Quando as crianças que estavam no centro de artes terminam vão para o mesmo centro que as outras estão, enquanto a professora chama outras três crianças, e assim segue até que todas as crianças tenham feito a tarefa de artes.

Logicamente que, dependendo da complexidade da tarefa realizada as crianças passam mais de uma hora nestes mesmos centros, sem poderem explorar os outros porque a professora não permite com a justificativa de que as crianças bagunçarão toda a sala e será muito difícil arrumar.

Com a justificativa desta professora faço outra análise, uma das propostas do método natural é que a criança aprenda a limpar e organizar a sua bagunça, por isso Heloisa Marinho fala que é necessário haver em um local da sala um pouco de água e esponja para que as crianças criem esses hábitos de limpeza e organização.

Além de práticas em desacordo com a teoria, também há práticas que aperfeiçoam a teoria, e são estas práticas que apresentarei.

No Jardim de Infância a semana é bem complexa, na segunda-feira as crianças têm aula de música, na terça-feira é dia de ir à biblioteca, na quarta-feira é dia de ir ao mercadinho, na quinta-feira tem aula de Educação Física e na sexta-feira é o dia do brinquedo. Esses são eventos adaptados ao currículo da escola e que não são relatados no método de Heloisa Marinho.

O dia preferido das crianças é a sexta-feira, elas gostam muito de levar seus brinquedos preferidos para a escola, mostrar para os amigos e brincarem. O ponto positivo deste dia tão legal é que as crianças fazem muitas trocas de brinquedos, uns emprestam para os outros e todos brincam, às vezes acontecem alguns conflitos, mas logo são resolvidos e todos voltam a brincar.

O dia de ir ao mercadinho, que é um local com várias embalagens de produtos vazias, que tem telefone de brinquedo, dinheirinho, caixa registradora e computador, também é uma inovação da escola. As crianças fazem uma festa, compram pasta de dente, shampoo, frutas, leite, e várias coisas que eles gostam. Depois que compram eles passam no caixa pagam com o dinheirinho e guardam tudo de volta no lugar.

O dia de ir a biblioteca é uma extensão do centro da leitura uma vez que na biblioteca há uma variedade maior de livros que as crianças podem escolher e ter cuidado para não rasgar, não rabiscar, além de exercitarem as regras de convívio sociais, como falar mais baixo, no caso da biblioteca.

Outra adaptação que considero essencial é o horário prolongado de parque, as crianças podem ficar até uma hora brincando no parquinho da escola se não estiver muito quente ou chovendo, mas mesmo ficando todo este tempo no parque algumas crianças ainda voltam para sala chateadas por quererem ficar mais tempo. Muitas voltam suadas,

ofegantes, cansadas, sujas, mas muito felizes.

A escola que limita a atividade do aluno à mera obediência às ordens da mestra não pode realizar a educação com pleno desenvolvimento da capacidade criadora do indivíduo e a formação de atitudes de responsabilidade social. (SOARES, 1981)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O respeito e a valorização que o Método Natural atribui à criança são fundamentais para o desenvolvimento desta. Sendo essencial que ela possa ter espaço para expressar seus sentimentos e opiniões ou, simplesmente, algo que ela queira compartilhar, um fato, ou uma ocorrência. A criança necessita de uma educação para a vida em sociedade, uma educação que seja significativa, dinâmica, prazerosa. Acredito que o Método Natural proporciona essas características e vivências para as crianças.

Após analisar a proposta teórica e como acontece a prática do Método Natural, me sobreveio uma dúvida que considero pertinente, que seria a possibilidade de praticar o método natural tal qual ele foi proposto por Heloisa Marinho, uma vez que pudemos perceber que a prática se distancia da teoria em alguns pontos que considero fundamentais, como por exemplo, a liberdade da criança em escolher em qual centro de estimulação quer iniciar as atividades.

Pude perceber a resistência que alguns pais têm quanto ao Método Natural, por não acreditarem na funcionalidade do método deixam seus filhos nesta escola apenas até o final da educação infantil, ou seja, até a pré-alfabetização, ou, algumas vezes permitem que seus filhos fiquem na escola até o fim do primeiro ciclo do ensino fundamental, sendo raros os que deixam seus filhos até completarem o ensino fundamental neste instituto. Ao retirar os filhos desta escola, a maioria dos pais os matricula em uma escola tradicional.

Também percebi a resistência da professora do Jardim de Infância quanto a algumas observações minhas e da auxiliar de classe, ou até mesmo o questionamento de alguns alunos, por exemplo, quando a criança perguntou por que não pode brincar no centro de construção, a professora respondeu que era porque ele já estava brincando no centro de dramatização, esquecendo que ela os havia colocado naquele centro sem que eles pudessem escolher. Talvez esta resistência seja apenas uma forma de se impor por ser inexperiente e precisar conquistar o seu espaço, mas é notória a sua atitude de imposição de determinadas atividades e opiniões.

Provavelmente, se as observações tivessem sido feitas em outra sala, ou após um tempo maior de aula, encontraria resultados diferentes quanto à postura da professora ante a turma. E, também obteria alguns resultados diferentes quanto às crianças, a liberdade destas quanto a realização de atividades, a relevância dos pensamentos e opiniões delas. Não é que as crianças não tenham nenhuma liberdade ou espaço na turma observada, mas esse espaço poderia ser maior assim como Heloisa (1989) propõe, a criança poderia ter mais escolha para se desenvolver melhor.

A educação deve fazer sentido para que gere conhecimento e ajude no desenvolvimento das crianças e, eu acredito que a educação do Método Natural seja significativa. Mas, assim como Carvalho (2010), acredito que apenas um método não é suficiente para dar conta de toda a complexidade humana, sendo necessário a inter-relação entre vários métodos, uma vez que, por mais ridículos que pareçam, “todos os métodos dão certo com algumas crianças, mas nenhum deles é eficaz com todas”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREINET, Celestin. O Método Natural II: A aprendizagem do desenho. Editorial Estampa, Lda., Lisboa, **1977**.

_____. **Pedagogia do bom senso.** Tipografia Lousanense, **1973**.

SOARES, Gilda Menezes Rizzo. Fundamentos e Metodologia da Alfabetização: Método Natural. Rio de Janeiro: F. Alves, **1981**. Coleção Educação Prática.

_____. **Educação Pré- escolar.** Rio de Janeiro: F. Alves, **1989**.

MARINHO, Heloisa. O Currículo por atividades no Jardim de Infância e na escola de 1º grau. Rio de Janeiro- RJ: Editora Papelaria América Ltda. **1978**.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. Cortez, **1992**.

CARVALHO, Marlene. Alfabetizar e Letrar: Um diálogo entre a teoria e a prática. Petrópolis- RJ: Vozes, 7.ed. **2010**.

3ª PARTE

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Minha principal ambição profissional é fazer o que estudei da melhor forma possível, conseguir colocar em prática ao menos a metade do que passei estes anos aprendendo aqui na Universidade de Brasília, com os melhores professores e professoras que alguém pode querer ter.

Com esta equipe de professores tão capacitados que me ajudaram todos estes três anos e meio aqui na UnB, pude perceber e aprender que ser pedagoga é mais que ser professora, mais que ensinar ou saber dar todas as respostas, mas que é um processo onde todos aprendem e ensinam mutuamente e eternamente.

Não quero parar de estudar enquanto eu estiver viva, quero retornar a esta Universidade para fazer o mestrado e também o doutorado, onde continuarei estudando sobre o Método Natural com objetivo de criar uma proposta para a EJA. Quero ser uma excelente Pedagoga em qualquer lugar que eu vá, tendo como pretensão maior atuar no meio escolar, como professora ou Coordenadora Pedagógica. Não pretendo fugir da sala de aula como muitos formandos e egressos, embora não os culpe por isso, uma vez que a realidade das escolas públicas é difícil e a das escolas particulares não está muito distante em relação aos professores, embora tenha melhores condições de trabalho, não se tem a autonomia das escolas públicas e a faixa salarial é semelhante ou inferior, em muitos casos.

Desejo que ao sair deste curso eu não perca a essência de tudo que aprendi aqui, desejo que o sistema não consiga me reprimir e nem me padronizar, embora eu saiba que isto é difícil, talvez impossível, mas, não quero perder a esperança de que eu posso fazer a diferença por onde eu for. Desejo ser forte o suficiente e também cativante o suficiente para conseguir estimular muitos outros pedagogos e professores que atuem ao meu lado, que eu consiga ajudá-los a enxergar outros caminhos possíveis para a educação, para encontrar o prazer na profissão.

Desejo ser uma estudante da vida, uma eterna aprendiz, mas cada vez mais experiente.

Que eu nunca me feche às propostas pedagógicas diferenciadas e às metodologias inovadoras, que eu não seja autoritária, mas que meus alunos me respeitem como uma autoridade, que eu não castre o potencial criador dos estudantes, mas os estimule a

expandi-los cada vez mais para que eles se tornem seres humanos melhores, que quando eu estiver trabalhando apenas pelo dinheiro, eu mude de profissão.

Pretendo nunca perder o foco da minha profissão que é o estudante e não eu, quero ter sempre disposição para dar o meu melhor aos alunos que estiverem comigo e fazer todo o possível para que eles aprendam da melhor forma, sem pressões ou decorações de listas ou tabuadas, mas de forma dinâmica e descontraída para que nenhum aprendizado seja em vão, mas para toda a vida.

Que eu possa ser vista como um exemplo pelos que me cercam e que estes sejam exemplos para os que com eles convivam, criando-se assim um grande círculo de aprendizados em que todos sempre teremos algo para aprender e algo para ensinar e, um exemplo para acreditar que é possível criar um ambiente escolar melhor e mais frutífero, onde podemos compartilhar experiências e contar com a ajuda uns dos outros.

ANEXOS

CENTRO DA LEITURA E CHAMADA



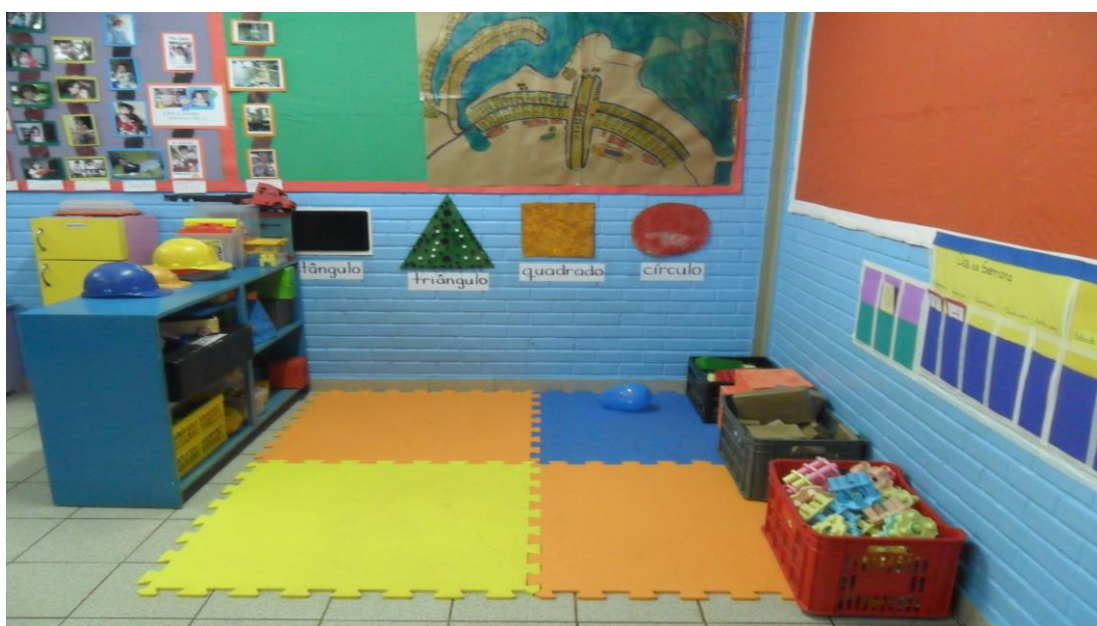
VOCABULÁRIO- VIVO



DIAS DA SEMANA



CENTRO DE CONSTRUÇÃO



JANELA DO TEMPO- nublado, sol ou chuva.

